



EIXO TEMÁTICO 4: Ensino da Geografia Agrária e Educação do Campo

**TROCANDO EXPERIÊNCIAS, FORTALECENDO IDEAIS: AS OFICINAS
PEDAGÓGICAS NA DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO
CAMPO EM DUAS ESCOLAS DO CAMPO DO CEARÁ**

Adeliane Vieira de Oliveira

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Email: adelianeoliveira19@gmail.com

Aldiva Sales Diniz

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Email: aldivadiniz@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva analisar as contribuições das oficinas pedagógicas para a afirmação da proposta da Educação do Campo em duas escolas do campo do Estado do Ceará. As escolas em questão localizam-se em áreas de Assentamentos de Reforma Agrária vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O mesmo parte do pressuposto de que, para compreendermos que toda pesquisa necessita apoiar-se no processo histórico da sociedade. Nesse sentido, buscamos apoio em autores como: CALDART (2009; 2012); FERNANDES e MOLINA (2004); GOMES (2013); KOLLING (et al 2002); MÉSZÁROS (2008) MOTA (2015); MST (1996) e RIBEIRO (2011). Além disso, na tentativa de melhor compreender a dinâmica das oficinas pedagógicas, vivenciamos/participamos de duas oficinas pedagógicas ocorridas nas referidas escolas do campo. Essa vivência nos possibilitou o contato com os camponeses sujeitos da Educação do Campo, bem como nos permitiu realizar abstrações, na tentativa lançar considerações a respeito das oficinas pedagógicas enquanto forma de afirmação da Educação do Campo nas escolas do campo do Ceará. Nesse sentido, na luta por Educação do Campo assim como na luta pela construção dessa proposta, as oficinas pedagógicas desenvolvem um papel estratégico nesse processo por aglomerar discussões, experiências, caminhos e estratégias a fim de dar continuidade à construção dessa proposta educativa no seio das escolas do campo. Assim sendo, consideramos que a ação coletiva presente no MST bem como no seio organizacional dos camponeses por meio da realização de oficinas pedagógicas, vem possibilitando o fortalecimento e afirmação do ideal da Educação do Campo no território cearense.

Palavras – Chave: Oficinas Pedagógicas; Educação do Campo; Escolas do Campo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar as contribuições das oficinas pedagógicas para a afirmação da proposta da Educação do Campo em duas escolas do campo do Estado do Ceará. As escolas em questão localizam-se em áreas de assentamentos de Reforma agrária vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e correspondem à EEM Patativa do Assaré, localizada no Assentamento Santana, em

Canindé e a EEM José Fideles de Moura no Assentamento Bonfim Conceição, em Santana do Acaraú (Figura 1). A nossa proposta caminha no sentido de analisar essas oficinas, enquanto momentos de socialização de atividades, processos, desafios e êxitos na trajetória de consolidação da Educação do Campo nessas escolas.

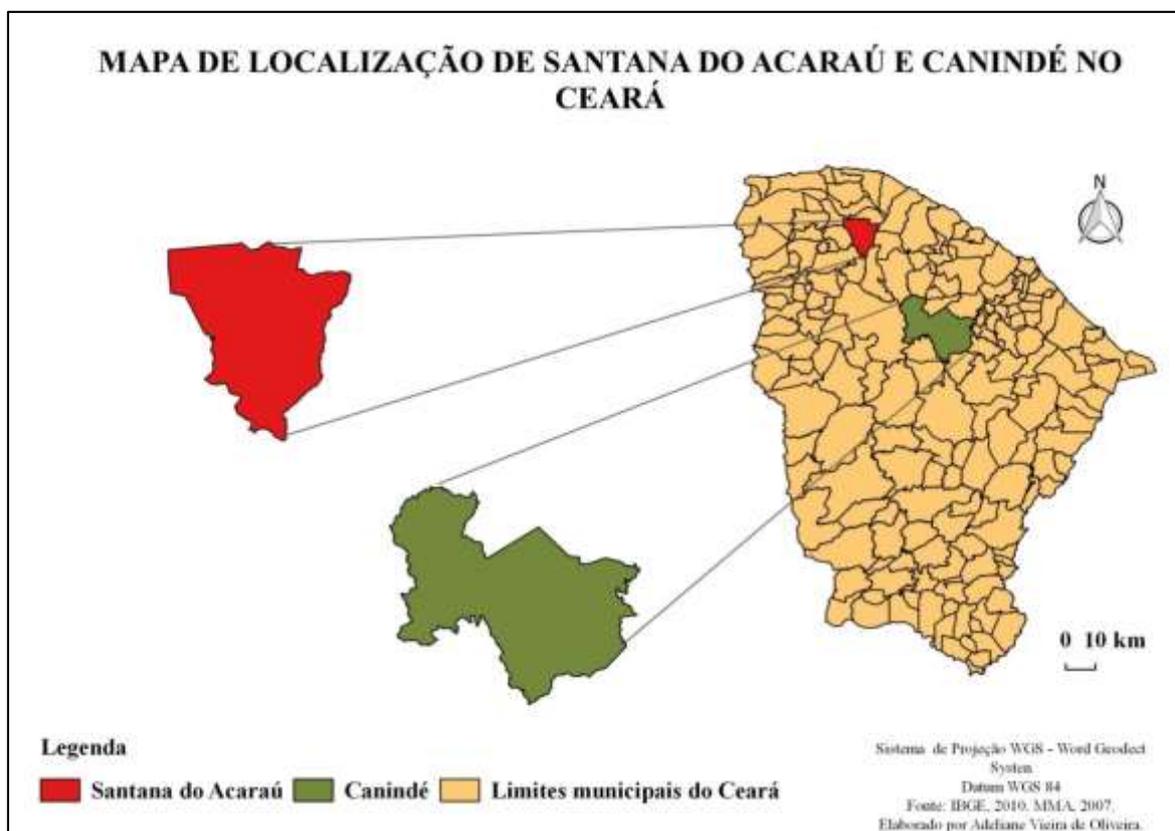


Figura 1: Mapa de localização de Santana do Acaraú e Canindé no Ceará
Elaboração: OLIVEIRA, Adelfiane Vieira de. Fonte: IBGE, 2010. MMA, 2007.

Nesse sentido, buscamos sistematizar as informações e análises sobre as oficinas e compreender como as mesmas se configuram como fortalecedoras do ideal da Educação do Campo no interior das Escolas do campo elencadas aqui para o desenvolvimento desse trabalho. Assim sendo, compreendendo o destaque e avanço que a Educação do Campo vem tomando no campo brasileiro, como resultado da resistência do MST na luta por dignidade e respeito para com os camponeses faz-se necessário tecermos algumas considerações sobre essa nova proposta de educação, para então, compreender o papel das oficinas pedagógicas no processo de construção e manutenção da Educação do Campo no Ceará.

Nessa continuidade a Educação do Campo pode ser entendida como uma proposta educacional que busca valorizar o campo enquanto espaço da vida.

Corresponde a uma educação voltada para os camponeses e camponesas na tentativa de afirmar o campo enquanto espaço de vivência, valorizando suas peculiaridades. Essa proposta surge por meio da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que ao lançar um olhar mais atento para a situação educacional no campo brasileiro, firma a luta pela Educação do Campo⁷ negando, nesse sentido, a educação hegemônica oferecida aos camponeses e camponesas que é desvinculada das práticas cotidianas vivenciadas por estes. Então ao se lançar nessa luta, o MST propõe um novo modelo educativo, nesse sentido, na perspectiva do Movimento deve ser:

uma educação voltada para a realidade do meio rural é aquela que ajuda a solucionar os problemas que vão aparecendo no dia a dia dos assentamentos e acampamentos, que forma os trabalhadores e as trabalhadoras para o trabalho no meio rural, ajudando a construir reais alternativas de permanência no campo e de melhor qualidade de vida para esta população. (MST, 1996, p.07-08)

A partir da iniciativa do MST, é inserida uma nova dinâmica na lógica educacional para o campo, pois a Educação do Campo nasce a partir das reivindicações dos agricultores e agricultoras. “Essa nova modalidade em Educação do Campo não é mais pensada apenas pelos profissionais da educação e pelos governos, mas também pelos sujeitos do campo” (MOTA, 2015, p.65). Os camponeses passaram a ser os sujeitos da sua própria educação.

Partindo do que afirma Caldart (2012) “a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (p. 259). Assim, a mesma autora continua:

[..] o surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (CALDART, 2012, p. 259-260).

CALDART (2009) reflete sobre o protagonismo do MST, no processo de constituição da Educação do Campo. “Os protagonistas do processo de criação da Educação do Campo são os ‘movimentos sociais camponeses em estado de luta, com destaque aos movimentos sociais de luta’ pela reforma agrária e particularmente ao MST”. (p.40; 41). Assim, podemos compreender que a Educação do Campo pensa a escola como o espaço de produção do conhecimento da classe trabalhadora.

Na sua origem, o 'do' da Educação *do* campo tem a ver com esse protagonismo: não é 'para' e nem mesmo 'com': é *dos* trabalhadores, educação *do* campo, *dos* camponeses, pedagogia *do* oprimido... Um 'do' que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade. Mas que representa, nos limites 'impostos pelo quadro em que se insere', a emergência efetiva de novos educadores, interrogadores da educação, da sociedade, construtores (pela luta/pressão) de políticas, pensadores da pedagogia, sujeitos de práticas. (CALDART, 2009, p. 41).

É sob esse viés que vamos nos subsidiando na compreensão de como a Educação do Campo vai se inserindo na realidade dos grupos sociais camponeses, sendo um forte fator de articulação e mobilização social. Conforme explicita Fernandes e Molina (2005), quando consideram que a Educação do Campo corresponde a um tipo de educação que não é imposta aos camponeses, mas construída para e com os mesmos a partir de sua vivência e como forma de garantir seu modo de vida e seus valores. “O movimento Por uma Educação do Campo concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais” (p.09). É sobre essa influência que avançamos no entendimento de que os camponeses os próprios sujeitos da Educação do Campo. Conforme afirma Kolling (2002):

Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos dessa realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; sujeitos da resistência na terra dos quilombos e pela identidade própria dessa herança; sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas e pedagógicas. (p. 20).

Para Ribeiro (2010) a constituição de uma Educação do Campo, vai se configurando nesse aprendizado, em que os agricultores e agricultoras passaram a lutar por sua formação. Neste sentido, devemos nos remeter a educação enquanto agente de transformação social que, de forma mútua, possibilita a emancipação do indivíduo no que diz respeito à construção da consciência e percepção dos acontecimentos que ocorrem e modificam constantemente o mundo, fazendo-o compreender o seu papel na dinâmica dessas relações. Como afirma Mézáros (2008, p.103;104), “a única força capaz de contribuir positivamente para o novo processo de transformação é a própria

educação, cumprindo com isso seu papel de órgão social, pelo qual a reciprocidade mutualmente benéfica entre os indivíduos e sua sociedade se torna real”.

Nesse sentido, no que concerne a realidade da Educação do Campo no Ceará, as primeiras escolas do campo nascem da luta do MST e dos camponeses e camponesas por uma educação coerente com a realidade do campo. Tendo a compreensão de que a escola exigida deve ser: pública, formar o homem e a mulher do campo, possibilitar o desenvolvimento do território camponês e fortalecer o sentido da luta. No Ceará, as escolas do campo são frutos de uma grande marcha de lutas do MST, frente ao governo do Estado. Essa marcha se inicia em meados de 2007, onde é lançado, pelo Movimento, a demanda dos camponeses e camponesas em idade escolar e que se sujeitavam as mais perversas condições para chegar a escola localizada na cidade.

Assim sendo, a luta pelas primeiras escolas do campo e a conquista de sua construção em Assentamentos de Reforma Agrária vinculados ao MST dão “os primeiros passos de uma luta que se coloca permanentes, por parte das famílias Sem Terra”. (GOMES,2013, p. 46). Ainda segundo Gomes (2013) essa trajetória de luta teve início com a busca de atendimento por parte do Estado, das medidas pautadas pelo movimento.

Esta pauta se fez presente na primeira audiência com o governador do Ceará Cid Ferreira Gomes, com o MST no dia 12 de maio de 2007. Com a lógica de responder a pauta dos trabalhadores(as), no referencial da amenização e alívio da pobreza (paradigma do Banco Mundial), mesmo argumentando que tínhamos na lista 64 assentamentos que reivindicavam escolas, sendo destas 12 com o caráter de serem escolas de Ensino Médio, para garantir a educação da Juventude nos assentamentos. Após o relato da problemática, segundo informe da equipe de negociação do MST, o então governador diante da demanda de 64 assentamentos que reivindicavam escolas, comprometeu-se em construir cinco escolas de Ensino Médio e que o MST indicasse os assentamentos a serem priorizados. (GOMES, 2013, p. 50).

Após esse momento, seria necessário mais um avanço, agora no sentido de escolha dos assentamentos para a instalação das escolas. Levando em consideração alguns aspectos como: o processo organizativo do assentamento; a relevância da luta no assentamento conforme a idade do mesmo e forma de luta pela terra; aglomeração de alunos (demanda e quantidade); localização geográfica do assentamento no sentido de atender a classe camponesa de forma geral (fácil acesso, escoamento e atração dos alunos).

Assim sendo, precisamente em 2010 foram inauguradas cinco escolas de ensino médio no território cearense. São as escolas: EEM João dos Santos no Assentamento 25

de Maio em Madalena; EEM Florestan Fernandes no Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa; Maria Nazaré de Sousa Barros no Assentamento Maceió em Itapipoca e EEM Francisco Araújo no Assentamento Lagoa do Mineiro em Itarema. Posteriormente, em 2016, foram construídas e começaram a funcionar mais duas Escolas do Campo, são elas: EEM Patativa do Assaré, localizada no Assentamento Santana em Canindé e a EEM José Fideles de Moura no Assentamento Bonfim Conceição, em Santana do Acaraú ver tabela abaixo:

ESCOLAS DO CAMPO	MUNICÍPIO	ASSENTAMENTO
EEM João dos Santos	Madalena	25 de Maio (MST)
EEM Florestan Fernandes	Monsenhor Tabosa	Santana (MST)
Maria Nazaré de Sousa Barros	Itapipoca	Maceió (MST)
EEM Francisco Araújo	Itarema	Lagoa do Mineiro (MST)
EEM Pe. José Augusto Régis Alves	Jaguaretama	Pedra e Cal (FETRAECE ¹)
EEM Patativa do Assaré	Canindé	Santana da Cal (MST)
EEM José Fidelis de Moura	Santana do Acaraú	Bonfim Conceição (MST)

Tabela 1:Escolas do Campo em funcionamento no Ceará (2017)

Fonte: Elaborado pela autora com base em GOMES (2013).

Neste sentido, a implementação da proposta pedagógica da Educação do Campo nas escolas está sendo feita por meio da coletividade, com a contribuição de experiências vivenciadas em outros Estados do Brasil e momentos de reuniões a fim de montar o Projeto Político Pedagógico das Escolas. As escolas com mais tempo de funcionamento buscam relatar suas experiências e práticas para que as escolas novas possam dar prosseguimento à proposta da Educação do Campo. Além disso, é importante ressaltar que nessas ocasiões os camponeses e camponesas de todas as idades contribuem nas discussões somando ideias ao processo de construção de sua própria educação/escola.

Assim sendo, as “escolas novas” buscam estar em constante discussão, a fim de fortalecer as experiências que estão dando certo e repensar as falhas, os erros e elaborar novos caminhos. É neste sentido, que oficinas pedagógicas entram no cenário da nossa análise exercendo um papel fundamental no processo de aquisição de forças das escolas Patativa do Assaré e José Fidelis de Moura. Segundo Gomes (2013):

Oficina pedagógica é uma metodologia político pedagógica utilizada pelo setor de educação do MST, em que é realizada para desenvolver uma questão específica, por exemplo, construir a matriz curricular do ensino médio, ou

¹ Federação dos Trabalhadores Rurais agricultores e agricultoras Familiares do Estado do Ceará.

construir um planejamento mensal das aulas, visando avançar na questão trabalhada, com tempo definido a partir do assunto a ser trabalhado (p.09).

Como podemos compreender com base na autora supracitada, as oficinas pedagógicas correspondem a momentos de partilha de experiências, opiniões e sugestões no sentido de avançar, no que diz respeito aos desafios enfrentados por essas escolas no processo de construção e efetivação do seu currículo no âmbito da proposta da Educação do Campo. O foco principal desses momentos corresponde a subsidiar as escolas recém inauguradas a enfrentar os desafios enfrentados em cada escola. Cabe destacar, que nessas ocasiões sempre estão presentes estudiosos e representantes do Setor de Educação do MST (CE), a fim de subsidiar e direcionar as discussões.

Nos remeteremos a duas vivências de oficinas pedagógicas. A primeira delas aconteceu na EEM Patativa do Assaré durante os dias 21 e 22 de outubro de 2016. Esta escola surgiu guiada por um processo de luta camponesa no ideal de conquista da autonomia na construção de sua própria educação. Assim, ela foi inaugurada no ano de 2016 e desde então vem realizando um trabalho conjunto, para efetivação e consolidação da sua proposta educativa com os alunos.

A oficina pedagógica realizada na referida escola teve como título “Encontro de Formação de Educadores (as): Encontro de Pólo Escola José Fidelis e Patativa do Assaré” sendo realizada por um período de três dias com carga horária de 24h se configurou como uma troca de experiência e discussões que variaram desde a organicidade do trabalho e das atividades nas escolas. A programação da Oficina foi organizada de forma a contemplar a organicidade de todos os professores(as) e alunos(as) participantes. Exemplo disso foi a divisão das tarefas durante o evento em que todos os envolvidos contribuíram na organização e limpeza da escola. Destacamos que as atividades foram decididas coletivamente e que o objetivo principal dessa prática é garantir a coletividade zelando pelo bom proveito de todos na oficina. A programação foi elaborada conforme, os principais aspectos que envolvem dinâmica da Educação do Campo e a lógica de valorização e construção de uma escola diferente, que envolva a classe trabalhadora em sua construção.

Essa oficina foi realizada na área da cantina e contou com a presença de Paulo Roberto do Setor de Educação do MST – CE. A dinâmica desse momento correspondeu a falas organizadas sobre o currículo da escola do campo, a forma de organização dos tempos escolares (figura 2). Toda essa discussão foi elaborada com base na

possibilidade de elaborar encaminhamentos sobre os demais desafios e peculiaridade para trabalhar com o campo.



Figura 2: Oficina Pedagógica na EEM Patativa do Assaré.
Fonte: Acervo da autora.

A segunda oficina pedagógica com o título “Encontro das escolas José Fidelis e Patativa do Assaré” e carga horária de 16h foi realizada na EEM José Fidelis de Moura, Assentamento Bonfim Conceição, Santana do Acaraú, entre os dias 2 e 3 de Dezembro de 2016. A referida escola, também é fruto de um processo de luta coletiva e busca juntar forças a fim de alavancar sua proposta educativa. A oficina realizada no chão dessa escola representou um momento de reflexão sobre as práticas e avanços pedagógicos (figura 3). É importante ressaltar que todos os momentos de discussão organizados pelas escolas são levados em consideração sendo visível a organicidade dos encontros e ideais. Neste sentido, na intenção de situar os participantes, essa oficina foi iniciada com uma recapitulação dos acontecimentos e discussões realizadas na oficina anterior, realizada na escola Patativa do Assaré.



Figura 3: Oficina Pedagógica na EEM José Fidelis de Moura
Fonte: Acervo da autora.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir do entendimento de que toda pesquisa necessita apoiar-se no processo histórico da sociedade. Nesta perspectiva, para compreendermos melhor a Educação do Campo bem como a dinâmica presente nas oficinas pedagógicas, tornou-se necessário além de nos munirmos teoricamente, nos inserir na realidade das mesmas.

Na pesquisa bibliográfica, apoiamos nossa investigação em revistas científicas, livros, dissertações e artigos. A fundamentação teórica desse trabalho está apoiada principalmente em: CALDART (2009; 2012); FERNANDES e MOLINA (2004); GOMES (2013); KOLLING (et al 2002); MÉSZÁROS (2008) MOTA(2015); MST(1996) e RIBEIRO (2011). A contribuição desses autores nos deu subsídios na compreensão da temática e problemática desse trabalho.

Levando em consideração o caminho metodológico adotado na nossa análise, compreendemos a necessidade de partir do “concreto”, ou seja, da própria realidade estudada. Neste sentido, imbuídos por leituras e apoiados nos autores anteriormente citados, na tentativa de melhor compreender a dinâmica das oficinas pedagógicas, vivenciamos/participamos de duas oficinas pedagógicas ocorridas respectivamente nas escolas do campo EEM Patativa do Assaré e EEM José Fidelis de Moura.

Essa vivência nos possibilitou o contato com os camponeses sujeitos da Educação do Campo, bem como nos permitiu realizar abstrações, na tentativa lançar considerações a respeito das oficinas pedagógicas enquanto forma de afirmação da

Educação do Campo nas escolas do campo do Ceará. Após essa vivência, nossas interpretações e abstrações sobre as mesmas foram sistematizadas e esboçadas através da escrita desse trabalho.

RESULTADOS PRELIMINARES

Diante do entendimento de que a Educação do Campo corresponde a uma proposta educativa que leva em consideração a vivência dos camponeses e suas práticas sociais fortalecendo o sentido de identidade e pertencimento no meio em que vivem, podemos compreendê-la como um paradigma em construção. Sua inserção no campesinato, fazer com que o camponês construa em seu íntimo, o sentido de pertencimento e identidade com o campo.

Enquanto articuladora da dinâmica da vida camponesa, a Educação do Campo proporciona transformações essenciais no modo de vida dos camponeses. O fortalecimento dos ideais coletivos por meio de uma educação, que leve em consideração seus valores e seus costumes, afirma para os camponeses o sentido de serem eles próprios os construtores de suas histórias.

Nesse entendimento ao analisar a importância das oficinas pedagógicas na dinâmica de afirmação da Educação do Campo nas escolas aqui elencadas para análise, apontamos algumas das nossas impressões e interpretações a respeito de sua pertinência na dinâmica das escolas do campo. Nesta perspectiva diante da pertinência e necessidade organizativa do MST juntamente com a classe camponesa na busca da manutenção e fortalecimento da Educação do Campo no Ceará, entendemos que as oficinas pedagógicas:

- São fundamentalmente estratégicas nesse processo por aglomerar discussões, experiências, caminhos e estratégias a fim de dar continuidade à construção dessa proposta educativa no seio das escolas do campo;
- Influenciam diretamente a organicidade do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no que diz respeito à união e articulação dos camponeses e camponesas para a permanência, resistência e persistência na luta para colocar a proposta da Educação do Campo em prática nas escolas presentes nos assentamentos;

- Possibilitam a troca de experiências e o diálogo na tentativa de melhorar o que já está sendo praticado nas escolas do campo, bem como subsidiar as práticas das escolas recém inauguradas ou escolas novas, ou seja, sugerir a essas escolas, as práticas que estão dando certo;
- Oportunizam a discussão a respeito dos desafios ou falhas de cada escola no intuito de garantir caminhos possíveis na prática cotidiana dos professores, alunos e todos os envolvidos na/com a Educação do Campo e a escola do campo;
- Nessas ocasiões é possível expor os desafios e dificuldades presentes em cada escola a fim de coletivamente buscar possibilidade de vencer tais obstáculos;

Além dessas impressões, ressaltamos que em ambas as oficinas pedagógicas analisadas, no qual participamos, o estudo enquanto estratégia de luta é constantemente enfatizado. Levando em consideração todos os integrantes das escolas, abrangendo desde os alunos até os funcionários da cantina, ou seja, o estudo da pedagogia do Movimento Sem Terra deve subsidiar a prática camponesa dentro e fora da escola, o que envolve diretamente todos os camponeses e camponesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas pedagógicas são formas de trocar experiências entre as escolas constituídas por todos os camponeses engajados no ideal da construção de uma nova dinâmica para o campo no Ceará. A aproximação de uma possibilidade de educação que tenha interesse em aumentar o conhecimento e o ideal de pertencimento do camponês com o campo é algo que conseqüentemente deve ser pensado e elaborado pelos próprios sujeitos do campo.

Compreendemos que a luta coletiva foi e continua sendo, o divisor de águas na conquista e efetivação da proposta educativa do MST. No que diz respeito à luta e conquista das escolas do campo essa luta é entendida como uma forma de resistência à escola capitalista e à transformação da educação em mercadoria. Compreendemos que a Escola do Campo se impõe, pois, como o símbolo da resistência camponesa no seio da dinâmica capitalista excludente.

Nesse sentido, na luta por Educação do Campo assim como na luta pela construção dessa proposta, as oficinas pedagógicas desenvolvem um papel fundamental nesse processo. Assim sendo, a análise desenvolvida nas escolas Patativa do Assaré e José Fidelis de Moura, nos subsidia a considerar que a ação coletiva presente no MST bem como no seio organizacional dos camponeses por meio da realização de oficinas pedagógicas, vem possibilitando o fortalecimento e afirmação do ideal da Educação do Campo no território cearense.

BIBLIOGRAFIA

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano.; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. In: Mônica Castagna Molina; Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus. (Org.). **Por uma Educação do Campo**. 1ed.Brasília: NEAD, 2004, v. 5, p. 53-89.

GOMES, Maria de Jesus dos Santos. **Experiências das Escolas de Ensino Médio do Campo do MST Ceará: Dois Projetos de Campo e de Educação em Confronto**. Monografia do Curso de Especialização em Trabalho, Educação e Movimentos Sociais. Fundação Osvaldo Cruz – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2013.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli Salete (orgs). **Por uma educação do campo: identidades e políticas públicas**. 2ª edição. Brasília, 2002.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOTA, Maria Eleusa. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e Escola Nacional Florestan Fernandes – ENFF: a construção da Educação do Campo no Brasil**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação, 2015.

MST. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de Educação nº 8. Porto Alegre, 1996.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.